

SÃO SEBASTIÃO, VALEI-NOS! IMAGINÁRIO SOBRE O CÓLERA NAS PÁGINAS DO JORNAL *O ARARIPE* – MEADOS DO SÉCULO XIX

Jucieldo Ferreira Alexandre*

Resumo: O artigo pretende demonstrar como uma epidemia de cólera, que atingiu a cidade do Crato-CE – na segunda metade do século XIX – foi representada a partir de um imaginário tradicional que via a doença como castigo divino, instituindo práticas votivas e penitenciais que buscavam redimir a população, para assim alcançar o perdão celeste. Como fonte, temos o jornal *O Araripe*, órgão do Partido Liberal, que entre os anos de 1855 e 1864 veiculou diversas notícias, matérias, orientações médicas, orações, entre outros textos, que tratavam do cólera.

Palavras-chaves: História das doenças, Imaginário, Cólera.

Abstract: The article discusses how an epidemic of the cholera was represented by the newspaper *O Araripe* - published in the city of Crato-CE – according to an imaginary that perceived in her a celestial determination.

Keywords: History of the diseases, Imaginary, Cholera.

Soccorrei-nos, ó Maria,/ Entre as
mulheres bemdita,/ Que no ventre
encerrastes / A natureza infinita. / (...) /
Amainai pois, ó Senhora,/ Esta horrível
tempestade,/ Desassombraí nos, e dai nos
/ A paz e serenidade. / Rogai, e serão
trocados / Só por vossa interferência / De
Deos os terríveis raios / Em sorrisos de
clemência / (...).¹

O texto que nos serve de epigrafe foi publicado no dia 17 de maio de 1856, pelo jornal *O Araripe*, impresso na cidade do Crato, no sul do Ceará. Composta, originalmente, por oito estrofes de quatro versos cada, a oração foi dedicada à Virgem Maria, *Mãe de Deus* e dos *homens* na tradição católica. É justamente uma súplica ao caráter maternal da santa o que sobressai na fonte: os filhos, diante do que dizem ser uma *horrível tempestade*, pedem que Maria interceda a Deus por eles, transformando *terríveis raios* em *sorrisos de clemência*.

Repleto de metáforas, o texto é uma súplica diante de uma ameaça que rondava a região do Cariri cearense naquele contexto: a epidemia do cólera. Representada como uma forte tempestade, repleta de raios que caíam do céu, a doença surge aqui como um *castigo divino* pelos pecados humanos, daí a razão da prece: recolhendo os lamentos dos filhos, Maria poderia conseguir a misericórdia de seu *divino filho*, amainado assim a poderosa tormenta.

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, no qual desenvolve pesquisa sobre as representações do cólera no jornal cratense *O Araripe*, entre os anos 1855-1862, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Serioja Cordeiro Mariano. Bolsista CAPES. jucielfof@yahoo.com.br

¹ Jornal *O Araripe*, n.º. 45. 17 mai. 1856, p 4.

Esse imaginário religioso sobre a doença, perceptível na fonte, não foi um fato isolado do Cariri oitocentista. Pelo contrário, ao longo do tempo tal visão foi constante e praticamente “se estende a todas as epidemias” (ADAM et HERZLICH, 2001: 18). A literatura antiga traz indícios disso: na *Iliada*, o deus Apolo aparece como um arqueiro que dizima as tropas, atingido-as com um “mal pernicioso” (DELUMEAU, 1989: 113) e o estourar de uma peste em Tebas leva Édipo a procurar o assassino do rei Laio, para satisfazer a ira divina e assim debelar o mal. No medievo, os surtos de peste negra também engendraram explicações similares (BOCCACCIO, 1971: 13).

Tomemos um exemplo mais próximo de nosso presente: a expansão da AIDS pelo mundo, nas últimas décadas do século XX, não deixou de despertar discursos moralistas e religiosos que enxergaram na mesma uma “condenação divina de uma sociedade que não vive conforme os mandamentos de Deus” (SONTAG, 2007: 124).

Fenômeno de longa duração, o imaginário religioso sobre a doença é, portanto, um indício de sua historicidade. Foi principalmente a partir da década de 1960 que os historiadores despertaram para a percepção de que *a doença também pertence à história*. Não “só a história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades” (LE GOFF, 1991: 7-8). O caráter *cultural* do adoecer passou, então, e a ser percebido: mais do que meros fenômenos orgânicos, as doenças seriam entidades abstratas que passam a existir a partir da ação humana de conceituar, representar e classificar os incômodos físicos comuns em seu tempo e espaço, procurando dar sentido e combate aos mesmos (SOURNIA, 1991: 359). Não obstante, se cada época tem suas moléstias características, elas foram experimentadas “de maneira muito diversificada em função da época em que ocorreram” (ADAM et HERZLICH, 2001: 15).

Esse artigo dialoga com tal campo historiográfico. Nosso objetivo central aqui é demonstrar como a epidemia de cólera, que atingiu a cidade do Crato na segunda metade do século XIX, foi representada a partir de um imaginário tradicional que via a doença como castigo divino, instituindo práticas votivas e penitenciais que buscavam redimir a população para assim alcançar o perdão celeste. Como fonte principal desse artigo, temos o jornal *O Araripe*, órgão do Partido Liberal, que entre os anos de 1855 e 1864 veiculou diversas notícias, matérias, orientações médicas, orações, entre outros textos, que tratavam do cólera.

Adotamos aqui o conceito de imaginário apresentado por José D’Assunção Barros, por entendermos que ele oferece subsídios para compreensão da construção imaginária, de sua circulação e permanência ao longo do tempo. Para o autor em questão, o imaginário deve ser

percebido como “um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas” (2004: 93).

Estruturamos o texto em duas partes principais. Um primeiro tópico pretende apresentar *O Araripe* – época de fundação, formato, período de circulação e responsáveis pelo órgão –, destacando, também, a presença do tema cólera em suas páginas. O outro tópico centrará sua atenção na análise de orações publicadas pelo periódico em questão, pondo-as em diálogo com o imaginário religioso da doença que discutimos até aqui.

Um jornal colérico: o cólera nas páginas d’*O Araripe*

O ano de 1855 marcou o Brasil como o período da chegada do *colera morbus* ao território nacional. Tal *peste* teria aportado no Brasil em maio de 1855. O foco inicial de contaminação foi o Pará, com a chegada da embarcação *Deffensor* que conduzia três centenas de colonos portugueses, vindos da cidade do Porto, a pedido da Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas (BELTRÃO, 2000: 834). Logo a moléstia se espalhou para outros pontos do Império, alcançando, ainda nesse ano, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, entre outras províncias.

No ano em que o cólera iniciava sua desastrosa estada no império brasileiro, um jornal era fundado na cidade do Crato. Denominado *O Araripe* – em referência à chapada de mesmo nome que abrange parte do sul cearense –, seu primeiro número foi publicado no dia 7 de julho de 1855, circulando, com algumas interrupções, até 1865. A publicação era publicada semanalmente, no geral, aos sábados, tendo um tamanho modesto, com média de quatro páginas por número e com textos distribuídos em duas colunas. O hebdomadário era porta-voz do Partido Liberal no sul da província do Ceará, sendo espaço privilegiado para os discursos de personagens políticos do lugar, especialmente para os comerciantes e profissionais liberais opositores ao Partido Conservador.

Durante uma década de circulação (1855-1865), o semanário tratou de temas regionais relacionados à política, à economia e à sociedade como um todo, o que evidencia os subsídios oferecidos pelo mesmo para o estudo da sociedade cratense do século XIX. Todavia, é um tema específico tratado pelo *O Araripe* que nos interessa aqui: o cólera. Contemporâneo aos surtos que grassaram nas cidades brasileiras no início da segunda metade do oitocentos, o impresso não deixou de reservar espaço em suas páginas para narrar os caminhos traçados pelo *mal de Ganges*, sempre atento à sua aproximação em relação ao Crato.

Ao tratar da questão, o periódico se oferecia como espaço de divulgação da marcha da peste, bem como dos preceitos profiláticos e higiênicos advogados pela medicina científica, que ascendia politicamente no Brasil Imperial. As reformas urbanas e comportamentais que julgava eficientes no trato com a epidemia eram elencadas em suas páginas.

Por outro lado, diversos foram os textos publicados sobre medicamentos caseiros, concebidos como apropriados no combate ao cólera e feitos à base de produtos naturais de muita popularidade, tal como o limão, o alho, a ipecacuanha, a casca de pau-ferro, a hortelã, etc. A apropriação de saberes e práticas de fácil assimilação – devido à ligação com a cultura popular, abonadas, também, por relatos de médicos lá publicados – talvez possa ser explicada pelo fato de que os responsáveis pelo semanário compreendiam a publicação como o espaço apropriado para ditar os melhores meios de combater à doença, diante da constatação que aparentavam ter da aproximação geográfica da mesma, da falta de profissionais de saúde no Cariri e da distância da região em relação à capital provincial, o que inviabilizava socorro imediato em caso de contaminação.

Diante do medo da contaminação pelo cólera, *O Araripe* não deixou de olhar para o Céu, adotando um discurso de tom votivo e penitencial:

Agora a nosso Reverendo Parocho corre o dever de chamar o povo a oração, para pedimos a Deus não nos fulmine com esse terrível flagello. O que não alcançarmos por meio da oração, nunca obteremos com medidas preventivas; só a infinita bondade de Deus nos pode preservar desses males de que somos dignos; por tanto o Parocho chame o povo a oração, este é o seguro meio de alcançar a graça².

Esse discurso penitencial, que incita o pároco a convocar seus paroquianos à oração, está ligado ao “regime particular da doença como fenômeno coletivo. Durante uma epidemia, não é apenas um indivíduo que fica doente, mas todos os que estão à sua volta.” (ADAM et HERZLICH, 2001: 17). Esse caráter coletivo da enfermidade exige, pois, atos coletivos para debelá-la. Tratando das epidemias de *peste negra*, Jean Delumeau diz que “as iniciativas individuais não bastavam”. Se uma cidade inteira era tomada pela doença, toda ela era considerada *culpada*. Conseqüentemente, “sentia-se a necessidade de implorações coletivas e de penitências públicas cuja unanimidade e o aspecto, (...), quantitativo, poderiam talvez impressionar o Altíssimo” (1989: 146).

Nesse sentido, orações públicas, procissões, auto-flagelação, entre outras práticas penitenciais, eram encetadas para remissão dos pecados e vitória sobre a peste negra. Tais

² Jornal *O Araripe*. n.º. 20, 17 nov. 1855. p. 1.

práticas também tiveram lugar no contexto tratado por este artigo.³ A historiografia vem demonstrando como surtos epidêmicos de doenças díspares que atingiram o Ocidente foram representados, em seus contextos históricos específicos, a partir de imagens semelhantes (SANTOS, 2004: 129), entre as quais encontramos a da doença como sinônimo da vontade celeste, claramente visível no trecho d’*O Araripe* que acabamos de citar. Desta forma, as representações do cólera, publicadas no semanário cratense, não deixaram de se inspirar em um tradicional imaginário que via na doença um desígnio divino. Em presença do terror causado por uma epidemia – quando a morte cercava ao mesmo tempo a todos – recorrer a Deus era tentar vencer a peste, pois, segundo a fé, a *Ele* tudo seria possível. Como diz George Duby, diante “de um mal desconhecido, o terror é imenso. O único recurso é o sobrenatural. Reivindica-se a graça do céu e retiram-se de suas tumbas os Santos protetores” (1998: 80).

Essa crença no poder de Deus e dos santos frente à doença pode ser visualizada numa série de dez orações publicadas no ano de 1856 pelo *O Araripe*. O pavor tomava conta do Crato nesse ano, pois Pernambuco – que faz divisa com aquela localidade – sofria com a presença do cólera em seu território. Não sabemos ao certo a autoria das deprecações. *O Araripe* costumava reproduzir em suas páginas textos publicados originalmente em jornais de outros pontos do Império, de forma que tais orações podiam se incluir nesses casos. Todavia, a precisão autoral das orações não minora seu significado: eram piedosos mecanismos de combate à peste que se avizinhava.

Valei-nos, São Sebastião!

Seguindo a estrada que liga a cidade do Crato ao distrito barbalhense do Arajara, no verdejante sopé da Chapada do Araripe, o viajante encontra à esquerda da pista uma singela capela. De formato retangular, com rústico frontispício pintado de branco e azul, o templozinho fica no Sítio Currais, a cerca de cinco quilômetros do centro urbano do Crato. A edificação tem como orago São Sebastião, que, segundo a tradição católica, viveu no século III, atuando como capitão do exército romano na época de Diocleciano. Denunciado por ser cristão, Sebastião foi condenado pelo imperador a ser atravessado por flechas, sendo martirizado na cidade de Roma, por volta do ano de 288. Uma rica iconografia o representa como um jovem de torso nu, amarrado em uma árvore e crivado de flechas.

³ Podemos visualizar isso no texto abaixo, no qual *O Araripe* acusa o pároco de Barbalha – desafeto político do jornal – de incitar alguns de seus paroquianos a flagelarem-se: “Ao meio-dia em ponto, encontram-se bandos confusos de homens descalços e meios nus, cantando alto e descompassado, se rasgam as carnes com disciplinas! Que desordem, que assuada é esta? Perguntam os estranhos aos costumem da paróquia. São os penitentes que se açoitavam por que a cólera estava por vir, e agora se açoitavam por que não têm o que fazer. Fazem-no com licença do pároco”. Jornal *O Araripe*, 19 out. 1862.

A capela de São Sebastião é um marco físico da passagem da epidemia do cólera pelo Crato. A cidade esperava a chegada do flagelo desde 1855, como demonstramos no tópico anterior. Contudo, o indesejado visitante não *bateu à porta* na década de 1850, só adentrando o Ceará em abril de 1862. Icó – importante centro comercial cearense – foi o primeiro lugar a ser atingido, daí propagando a *peste* para outros pontos da província. A epidemia chegou ao Crato em fins de abril do mesmo ano. Durante aproximadamente três meses de surto, cerca de mil e cem pessoas morreram na cidade, segundo dados da época.

Diante do medo da peste que estava levando tantos cratenses para a vala comum, o major Felipe de Mendonça – proprietário do Sítio Currais – fez, de forma um tanto patriarcal, uma promessa ao mártir Sebastião: ergueria um templo em honra ao santo, “se não morresse de cólera-morbo nenhum dos membros de sua família ou de seus moradores” (PINHEIRO, 1950: 245). Passado o surto, ninguém da clientela do major foi vitimado. No intuito de cumprir sua promessa, Felipe de Mendonça pede permissão para erigir a capela a Dom. Luiz Antônio dos Santos, bispo do Ceará. A autorização é dada no ano de 1863. Contudo, apenas em 1888 o templo foi erguido, após um novo bispo, Dom Joaquim José Vieira, confirmar a licença feita por seu antecessor (Idem).

Ao que parece, o major não foi o único devoto a recorrer a São Sebastião no Crato de meados do século XIX. Pelo contrário, o santo gozou de popularidade em tal contexto, como podemos observar na deprecação intitulada “Oração contra a peste”, publicada em 1856, quando o cólera grassava no Pernambuco:

Sam Sebastião, / Nosso advogado, / Livrai nos da peste, / Filha do peccado. / Pedi a Jesus / Em nosso favor / Para que se extinga / Da peste o furor. / Sabemos, Senhor, / As faltas que temos; / A vós recorrer / Por isso devemos / (...) / Sam Sebastião, / Ó tão doce amparo, / Fazei com que cesse / Nosso pranto amaro. / De nós afastai / Cruel inimigo, / Em vós encontremos / Nosso doce abrigo. / Vós bem nos podeis / Livrar desta peste, / P’ra nós alcançando / A graça celeste. / (...) / Se a lei do Senhor / Fiel não cumprimos, / Bem arrependidos / Mil perdões pedimos. / E vos promettemos / Cumpri fielmente / Os sacros preceitos / Do Omnipotente.⁴

A oração pedia o intermédio do santo junto a Jesus, no intuito de conter o *castigo* que ameaçava *ceifar* os pecadores. Estes se diziam *contritos* e *arrepentidos* e prometiam, caso vencessem o *cruel inimigo*, *cumprir fielmente* os preceitos de Deus. São Sebastião aparece adjetivado na fonte como *advogado*, *doce amparo* e *abrigo*. Mas, o que habilitava São Sebastião a agir como defensor diante do *mal de Ganges*? Por que Felipe de Mendonça e *O Araripe* recorreram a tal santo? A resposta para tais questões pode ser buscada no imaginário popular em torno da figura de São Sebastião.

⁴ Jornal *O Araripe*, nº. 44, 10 mai. 1856, p. 4.

Como já afirmamos, o conceito de imaginário dá conta de um universo complexo e interativo que trata não só da produção de imagens, mais também da circulação das mesmas em uma determinada sociedade e temporalidade. As imagens de que trata o estudo do imaginário não são entendidas apenas como elementos *visuais*, ou iconográficos, mais também como imagens *verbais* e *mentais* que dão conta de uma gama de símbolos e representações significativas para as sociedades humanas (BARROS, 2004: 91). É nesse sentido que a imagem de São Sebastião como combatente do cólera pode ser apreendida.

Tratando dos “episódios de pânico coletivo” que foram os surtos de peste negra no medievo, Delumeau afirma que para os homens da igreja e para os artistas, que tinham obras encomendadas por aqueles, a peste era pintada como uma “chuva de flechas abatendo-se de súbito sobre os homens pela vontade de um Deus encolerizado” (1989: 113). Esse imaginário é perceptível já na Antiguidade, daí porque Susan Sontag afirma que a “idéia da doença como um castigo é a mais antiga explicação da causa das doenças” (2007: 112). A imagem do flagelo jogado do céu em direção aos homens, foi amplamente difundida pela iconografia dos séculos XV e XVI, e – ao longo do tempo e dos vários surtos ocorridos – o clero e os fiéis foram a assimilando mais e mais. A arte do período não deixou de destacar a similaridade entre os bubões, característicos da peste, e as chagas deixadas por flechadas (DUBY, 1998).

É neste contexto que o culto a São Sebastião vai ganhar destaque. Desde pelo menos o século VII, o santo era invocado no combate às epidemias. Contudo, a partir de 1348 – quando a peste estourou na Europa – o culto ganha vigoroso impulso. O motivo: se a peste eram dardos lançados do céu, que melhor defensor podia ter a cristandade que o jovem santo que fora cravejado por flechas?

[...] Imaginada pelos meios eclesiásticos leitores do Apocalipse e sensíveis ao aspecto punitivo das epidemias, a comparação entre o ataque da peste e o das flechas que se abatem de improviso sobre vítimas teve por resultado a promoção de São Sebastião na piedade popular. Atuou aqui uma das leis que domina o universo do magismo, a lei de contraste que muitas vezes não é senão um caso particular de lei de similaridade: o semelhante afasta o semelhante para suscitar o contrário (DELUMEAU, 1989: 116).

Dessa forma, o mártir passou a gozar de forte popularidade no universo católico europeu. Segundo Delumeau, “até pelo menos o século XVIII, (...), quase não houve igreja rural ou urbana sem uma representação de São Sebastião crivado de flechas”. Deixando a Europa e retornando ao Crato de meados do XIX, podemos concluir, portanto, que a oração publicada em *O Araripe* e a capela do Sítio Currais são indícios de como São Sebastião permanecia no imaginário popular como protetor contra as epidemias. A imagem secular de

especialista no combate à peste negra justifica porque lhe foi dada a função de *advogado* diante do cólera.⁵ Todavia, outros especialistas celestes aparecem nas páginas d’*O Araripe*:

Deos vos salve Roque Santo / De illustre sangue gerado, / Que fostes no lado esquerdo / Com a Crus assignalado. / Vós da pátria destinado / De mortal peste ferido / Curavas todo o christão, / Que da mesma era offendido / (...) / Deos vos salve Roque Angélico, / Que pelo Anjo celeste / Vos mandou Deos o poder / Contra o castigo da peste / (...).⁶

Roque foi um dos santos mais invocados em época de epidemia. Contemporâneo aos surtos de peste do século XIV, nascido em Montpellier (França), ele aparece na hagiografia como alguém que, atingido pela peste, foi expulso de Piacenza (Itália), refugiando-se em uma cabana nas cercanias dessa cidade. Durante esse tempo, era alimentado por um cachorro de caça que roubava comida de seu senhor e a levava à cabana do santo. Descoberta a manobra do cão, seu dono passa a ajudar Roque, que se cura da doença. O santo então teria retornado à sua cidade natal. Contudo, é tomado por espião por seus conterrâneos, que não o reconhecem. Sendo então preso, morre na prisão. Na ocasião da morte uma luz resplandecente surgira no calabouço e o carcereiro avistou uma inscrição angelical perto do corpo – *eris in pestis patronus* – o que lhe conferia o patronato em época de peste (DELUMEAU, 1989: 149). Essa passagem hagiográfica aparece, inclusive, na oração citada acima: “Deos vos salve Roque Angélico, / Que pelo Anjo celeste / Vos mandou Deos o poder / Contra o castigo da peste.”

A experiência particular de Roque junto à doença acabou por favorecer sua imagem como santo antipestilento, afinal ele teria vivenciado e vencido a peste, entendendo, portanto, o sofrimento dos doentes e a angústia dos demais fiéis diante da epidemia. A iconografia tradicional destaca tal questão, ao representá-lo ao lado de um cachorro, segurando um bastão e apontando com um dedo os bubões – estigma maior da peste – existentes em sua perna.

É pertinente destacar que o culto aos santos foi um dos elementos mais marcantes do catolicismo popular brasileiro. Desde o período colonial uma relação de intimidade e afetividade foi construída entre devotos e os patronos celestes. Diante das doenças, da força da natureza, da necessidade de bens materiais e vantagens sociais, os habitantes da colônia recorriam a diversos santos, cada qual com sua especialidade, instituindo contratos simbólicos do tipo *toma lá-dá cá*: “(...) predominaram, com referência aos santos, as relações afetivas, a busca de aproximações, a familiaridade maior. Mas (...), houve momentos de cólera e de agastamento, na linha da economia religiosa da troca não atendida” (SOUZA, 1986: 122).

⁵ É pertinente destacar que São Sebastião também é cultuado nas religiões afro-brasileiras. O santo em questão – junto com São Roque, São Lázaro e São Benedito – corresponde no candomblé ao orixá Omolu (ou Abaluaê), divindade das enfermidades e pestes.

⁶ Jornal *O Araripe*, nº. 47, 08 de junho de 1856, p. 4.

Roque e Sebastião, nesse sentido, eram importantes aliados a se conseguir, pois tinham um longo histórico de atuação nos surtos epidêmicos. Deste modo, assim como nos surtos de peste dos séculos passados, a publicação analisada por esse artigo fazia circular – pelas orações lá veiculadas em meados do século XIX – a imagem dos santos aqui citados como especialistas em época de epidemia. Para os fiéis – em um período tenso e extraordinário como aquele, onde o perigo e a morte eram constantes – “era preciso colocar todas as possibilidades de seu lado e, portanto, abrandar o Todo-Poderoso encolerizado recorrendo às preces dos intercessores mais qualificados” (DELUMEAU, 1989: 149). Todavia, quem seria mais gabaritada para conseguir a piedade divina que Maria, a *Mãe de Deus*? É essa a conclusão que podemos enxergar através da leitura da prece abaixo:

Arca santa immaculada, / Tão pura e cheia de graça, / Sede a nossa salvação / Neste pego de desgraças. / Es Mai d' Deos, q'humanado / Por nós expirou na cruz, / Que pedirás, ó Senhora, / Q'vos negue o Bom Jesus? (...) Advogada celeste, / Desta pobre humanidade, / Perdão, Senr^a, alcancai-nos, / Da divina Magestade. / Dissipai a cruel peste, / Poderosa Intercessora, / Como a cabeça esmagastes / Da serpente enganadora. (...) A natureza, Senhora / Ao seu filho obedece, / E vosso filho que a rege / Não resiste à vossa prece.⁷

Na fonte acima, uma ordem hierárquica se apresenta: o *Deus* – que se fez homem por sua vontade – reina sobre a *natureza*, tendo, deste modo, o poder de enviar a *cruel peste* contra a humanidade. Não obstante, um *bom filho* nada nega a sua *mãe*; nessa brecha o poder intercessor de Maria é justificado. O imaginário em torno da maternidade divina fazia da santa a *advogada* mais poderosa no trato da peste. A iconografia consagrou tal imaginário, ao representar Maria com seu manto estendido, impedido que as flechas enviadas do Céu atingissem a humanidade ou ela “reinando em glória entre os santos antipestilentos e recebendo por seu intermédio as preces dos doentes” (DELUMEAU, 1989).

O caráter humano da mãe de Jesus também era cultuado pelos devotos. Um dos cultos mais populares no Brasil de outrora era o de Nossa Senhora das Dores, invocação que recorda os sofrimentos de uma mãe que acompanha seu filho ao calvário. As dores de Maria eram invocadas em momentos de forte angústia, como no período de aproximação do cólera:

Ó mãi do Deos homem, / Ó Virgem das Dores, / Volvei vossos olhos / Para os peccadores. / Verás, como afflicto / Geme agora o povo, / Soffrendo os rigores / D'um castigo novo. / O cholera-morbus, / Sem contemplação, / Extinguir pretende / Vossa geração. (...) Pelas vossas dores / Contemplai, senhora, / Os feitos da peste / Tão devastadora (...)⁸.

Das dez orações publicadas no ano de 1856, seis foram consagradas à *Mãe de Deus*. Segundo o antropólogo Luiz Mott, um dos “traços mais marcantes da espiritualidade luso-

⁷ Jornal *O Araripe*, n.º. 45. 17 mai. 1856, p. 4.

⁸ Jornal *O Araripe*, n.º. 47, 08 jun. 1856, p. 4.

brasileira sempre foi a devoção preferencial de nossos colonos por Maria Santíssima” (1997: 184-185). Nenhum santo foi mais cultuado no Brasil que a Virgem: ela estava presente em todos os momentos cotidiano dos fiéis, do nascimento (sob invocações como Nossa Senhora do Ó, Bom Parto, Expectação, Conceição, entre outras) à morte (Nossa Senhora da Boa Morte, Boa Viagem, Carmo, etc.). Portanto, a quantidade de orações marianas publicadas no semanário cratense demonstra o peso da imagem de Maria na vida dos devotos do período. Diante dos perigos do cólera, recorrer à Virgem do Livramento parecia uma boa estratégia⁹.

Ao longo desse texto tentamos demonstrar como a aproximação do cólera em relação ao Crato foi representada pelo *O Araripe* a partir de uma antiga concepção que via em Deus a explicação e o remédio para as epidemias que afligiam o mundo. As orações aqui trabalhadas apontam para como imagens consagradas em epidemias ocorridas em séculos passados continuavam a inspirar os fiéis a buscar a intercessão de santos consagrados pela piedade popular como *advogados* em época de flagelo, demonstrando a força das criações imaginárias e os sentidos dados às mesmas pelas sociedades humanas ao longo do tempo.

Bibliografia

- ADAM, Philippe et. HERZLICH, Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- BELTRAO, Jane Felipe. “A arte de curar dos profissionais de saúde popular em tempo de cólera: Grão-Pará do século XIX”. In. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Vol. 6. [set/2000]; p. 833-866. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- BOCCACCIO, Giovanni. **Decamerão**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- DUBY, George. **Ano 1000, ano 2000**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- LE GOFF, Jacques et al. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1991
- MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In. **História da vida privada no Brasil**. Vol. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**. Fortaleza: edição do autor, 1950.

⁹ “Da peste que nos assola / Com tanta furia e tormento, / Livrai-nos Mai, amorosa, / Ó Virgem do Livramento. / (...) / Sede nossa defensora / Agora e em todo momento; / Livrai-nos de todo o mal / Ó Virgem do Livramento”. Jornal *O Araripe*, nº. 4, 17 mai. 1856. *O Araripe*, nº. 45. 17 mai. 1856, p 4

SANTOS, Ricardo Augusto dos. “Representações sociais da peste e da gripe espanhola”. In. NASCIMENTO, Dilene Raimundo do et. CARVALHO, Diana Maul de (Org’s.). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOURNIA, Jean-Charles. “O homem e a doença”. In. LE GOFF, Jacques et al. *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1991.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.